

O SIGNIFICADO DE "FILÓLOGO" PARA GREGOS E ROMANOS

Bruno Fregni Basseto
Universidade de São Paulo

RESUMO: *Pela análise de cerca de cinquenta textos gregos e latinos, nos quais ocorre o termo "filólogo", procurei fazer a biografia do vocábulo. A grande diversidade de significados, atribuídos a "filólogo" no decurso do séculos, levou-me a buscar a acepção que lhe teriam dado os criadores do termo, os gregos, e os que o literalmente emprestam, os latinos. A pesquisa abrange textos do séc. V a. C. ao séc. VI d. C.. Dadas as restrições de espaço, foram selecionados os tópicos mais claros e úteis ao objetivo deste trabalho em Aristóteles, Platão, Isócrates, Plutarco, Suetônio, Ateneu, Cícero, Sêneca, Ateio Pretextato, Sexto Empírico entre vários outros. A conclusão, não de todo inesperada: o termo sempre foi polissêmico.*

O conceito de "filólogo" não é de forma alguma unívoco; divergem os autores ao defini-lo, ao determinar seu objetivo, seu campo de abrangência. Uma biografia do termo permitirá alguma apreensão de seu conteúdo semântico, embora com bastante dificuldade, sobretudo por causa da ampla gama de significados de seu segundo formante.

"Filólogo" é encontrado em Platão e Aristóteles, mas o termo sem dúvida é anterior. Trata-se de uma criação dos estóicos, em cuja filosofia se encaixa perfeitamente: λόγος é a expressão do νοῦς, o pensamento. Em consequência, "filólogo" é aquela que, através da palavra, apreende a expressão do pensamento alheio e adquire assim conhecimentos, cultura e aprimoramento cultural.

Ora, é sabido que, pelo menos até o séc. VI a. C., a palavra era eminentemente oral; "filólogo" era então o falante ou o ouvinte, como na escola socrática. Ao se tornar mais comum a palavra escrita com os papiros e os pergaminhos, "filólogo" passou a designar o apreciador da palavra falada, ouvida ou escrita. As múltiplas implicações do caráter permanente da palavra escrita fez com que, aos poucos, se denominasse filólogo aquele que a ela estivesse mais estreitamente ligado: o letrado, o autor e o sábio de amplos e múltiplos conhecimentos, o que lhe proporciona admiração e respeito. Considera-se, por exemplo, esta passagem da **Poética (1398b)** de Aristóteles:

"...καὶ Λακεδαιμόνιοι Χίλονα καὶ τῶν γερόντων ἐποίησαν ἤκιστα φιλόλογοι ὄντες..."

... "e os espartanos (homenagearam) a Quilão e o colocaram entre os gerontas, embora fossem bem pouco filólogos..."

Sabe-se que Quilão foi um dos sete sábios, poeta lírico e epistológrafo (séc. VI a. C.); foi, portanto, a palavra escrita que lhe granjeou aquela dignidade da parte de seus contemporâneos, sabidamente lacônicos.

O termo ocorre outras vezes em Aristóteles (**Problemas, 18**) e em Platão (**Teeteto, 146a; Fedro, 236e; Leis, 641e; Laquês, 187c e 188e; República, 582e**). Em nenhum desses tópicos, porém, o conteúdo semântico do termo é suficientemente claro; assim, em **Laquês, 187c**, Platão opõe φιλόλογος a μισόλογος, ao que tudo indica, no sentido etimológico de gostar ou não de palavras; Em **Leis (641e)** encontram-se πολύλογος e βραχύλογος, significando respectivamente "tagarela" e "de poucas palavras", ao lado de nosso φιλόλογος, mas sem qualquer conotação pejorativa. Apenas em **República (582e)** o termo tem, sem dúvida, conteúdo mais específico:

" Ἀνάγκη, ἔφη, ἃ ὁ φιλόσοφος τε καὶ ὁ φιλόλογος ἐπαινεῖ ἀληθέστατα εἶναι."

"Necessariamente, diz, tudo quanto o filósofo e o filólogo aprovam é o mais verdadeiro."

O filósofo e o filólogo são aí considerados como dois especialistas, embora Platão não especifique a área de cada um; poder-se-ia pensar em conteúdo e forma respectivamente. Fica claro, porém, que o termo tendia a se especializar nas últimas obras de Platão.

Isócrates (436-338 a. C.), na obra **Antídosis (XV, 296)**, considera a "filologia" uma grande ajuda ao trabalho educativo; e o termo, pelo contexto, sugere o sentido de "dedicação ao estudo de palavras" ou "gosto pela linguagem".

Estrabão (64 a. C. - 21 d. C.), em **Geografia (2.3.7)**, afirma que atenienses, espartanos e tebanos não são "filólogos" por natureza, da mesma forma que babilônios e egípcios não são filósofos por natureza - mas todos por exercícios. Aqui também "filólogos" denota algo específico, já que ser "loquaz" é algo natural para muitos em todos os povos; a oposição à filosofia leva a atribuir ao filólogo o sentido de "cultivador da palavra", em suas diversas manifestações como a retórica, a literatura e a linguagem em si mesma.

Em Plutarco (50-120 d. C.) encontra-se várias vezes o termo "filólogo" (**Vidas 2.17.2; Vidas Paralelas 6.2; 22.1-2; Moralia II. 133a; II. 137c**). O seguinte tópico de **Moralia (II. 133e)** parece bastante elucidativo:

" Τὰς δ' ἐν ἱστορικαῖς καὶ ποιητικαῖς ζητήσεσι διατριβὰς τραπέζας ἀνδράσι φιλολόγοις καὶ φιλομούσοις προσεῖπον."

"Alguns afirmaram, de modo não odioso, que as discussões nas investigações históricas e poéticas são uma segunda mesa para os filólogos e os amantes das musas."

Aqui os filólogos são colocados ao lado dos artistas, os "amantes das musas"; estes relacionados com a poesia e aqueles com as investigações históricas. Evocando o que se disse do sábio Quilão, poeta e epistológrafo, pode-se dizer que o

filólogo é o que conhece a tradição cultural falado ou escrita e que o cultivo e a ampliação desse conhecimento lhe dá tanta satisfação quanto um lauto banquete. Portanto, o filólogo se identifica com o sábio, o intelectual de "múltiplice e variado conhecimento". Essa última expressão é de Suetônio, ao referir-se a Ateio, que se autodenominara Filólogo, em **De Grammaticis et Rhetoribus** (5,10):

"Philologi adpellationem adsumpsisse videtur, quia, sic ut Eratosthenes qui primus hoc cognomen sibi vindicavit multiplici variaque doctrina censebatur."

"Parece ter tomado a denominação de filólogo porque, como Eratóstenes que por primeiro reivindicou para si esse cognome, era conhecido por sua múltipla e variada doutrina."

Suetônio se refere a Eratóstenes de Cirene (275-194 a. C.), discípulo de Calímaco e Lisânias; entre outras funções importantes, exerceu a de diretor da famosa Biblioteca de Alexandria. Considerado o sábio mais versátil de seu tempo, era chamado βῆτα, isto é, "muito próximo do máximo", e também πένταθλος, "o que se distingue em todos os gêneros ao mesmo tempo". De sua obra, o pouco que chegou até nós versa geografia.

Ateio Pretestado, o outro que se autodenominou filólogo, também foi polígrafo. Suetônio, na continuação da passagem acima transcrita, nos legou parte de uma epístola do próprio Ateio ao seu amigo Lúlio Herma, em que esclarece a razão daquele cognome:

"Hylen nostram memento commendare, quam omnis generis coegimus, uti scis octingentos libros."

"Lembra-te de recomendar a nossa Floresta, na qual, como sabes, reunimos oitocentos livros de todos os gêneros."

Dai se depreende com a clareza o que se entendia então por filólogo: pessoa muito culta, com amplos conhecimentos nos campos mais diversos. A **Nova Floresta** de Bernardes pretende ser, sem dúvida, uma réplica mais moderna da **Hylen** de Ateio.

Sêneca (4 a.C.-65 d. C.) apresenta outro perfil do filólogo. Uma passagem bastante extensa das **Cartas** (Livro XVIII, 30ss) distingue bem as especialidades do filósofo, do filólogo e do gramático. Por ser longa, apenas o resumo: Ao ler o **De República** de Cícero, o filósofo se admira de se ter conseguido dizer tanta coisa contra a justiça. Fazendo a mesma leitura, o **filólogo** observa que houve dois reis romanos, um dos quais não teve pai e um outro não teve mãe, pois pairam dúvida sobre a mãe de Servus e não se conhece o pai de Ancius, sendo apenas considerado neto de Numa; nota ainda que o chamado ditador, segundo os livros de história, na verdade era apelidado "mestre do povo" pela plebe e, na prática, era mestre de cavalaria; observa também que Rômulo morreu durante um eclipse do sol, e que até mesmo os reis faziam provocações contra o povo, segundo consta nos livros pontificais e é igualmente o pensamento de peritos do porte do historiador

Fenestella. Ao percorrer as mesmas páginas, o *gramático* comenta que as expressões **expse**, **reapse** e **sepse** foram de fato usadas por Cícero; contrapõe arcaísmos, como **cretam** por **calcem**, mostra influências, empréstimos e plágios entre autores como Homero, Virgílio e Ênio.

Sêneca parece identificar o filólogo com o crítico e o historiador modernos, enquanto o gramático se preocupa com fatos estritamente ligados à linguagem e a problemas literários. O filólogo está às voltas com conteúdos de escritos: livros pontificais, de história e de aruspícios. Suas observações são análises, deduções, inter-relacionamentos de fatos antes estudados - características e índices de cultura própria do sábio, como Eratóstenes e Ateio.

Contudo, essa acepção de "filólogo" não é unânime. Em vista da amplitude de seu campo de atuação, compreendem-se posições e conceituações divergentes, conforme se realça um ou outro aspecto sem exclusão dos outros. Desde as primeiras atestações, porém, está implícito o texto escrito, sem que isso implique exclusão de outras modalidades de expressão do pensamento, como a palavra falada ou ouvida. Considere-se, por exemplo, o seguinte texto de **Vidas Paralelas** (2.22) de Plutarco:

"Εὐθὺς οὖν οἱ φιλολογώτατοι τῶν νεανίσκων ἐπὶ τοὺς ἄνδρας ἴεντο καὶ συνῆσαν, ἀκροώμενοι καὶ θαυμάζοντες αὐτοὺς."

"Então os mais "filólogos" dos jovens logo se aproximaram e cercaram os homens, ouvindo-os com atenção e admirando-os."

Os homens, de que fala Plutarco, eram filósofos ligados a Carnéades, o Acadêmico, e a Diógenes, o Filósofo, vindo a Roma em missão diplomática. Os "filólogos"- no superlativo - são jovens romanos que desejavam talvez ver e conhecer os famosos filósofos. É óbvio que o termo aqui designa algo bem diferente do que quando aplicado a Eratóstenes ou a Ateio; poder-se-ia pensar em algo como "muito interessado em aprender" ou mesmo "os mais bem falantes", no sentido etimológico.

Outras vezes tem o sentido de "culto", "refinado" no campo claramente lingüístico, como no seguinte tópico de Sexto Empírico (c. 200 d.C), em Πρὸς Μαθηματικοῦς (l. 235):

"Καὶ πάλιν ἐν διαλέξει ἀποβλέποντες πρὸς τοὺς παρόντας τὰς μὲν ἰδιοτικὰς λέξεις παραπέμψομεν, τὴν δὲ ἀσειοτέραν καὶ φιλόλογον συνήθειαν μεταδιώξομεν; ὡς γὰρ ἡ φιλόλογος γαλάται παρὰ τοῖς ἰδιώταις, οὕτως ἡ ἰδιωτικὴ παρὰ τοῖς φιλόλογος."

"E, de novo, numa dissertação, tendo em vista os presentes, procuraremos as expressões mais adequadas e cultas ("filológicas") e deixaremos de lado as expressões mais comuns, pois, como o uso culto é ridicularizado pelos adeptos do comum, da mesma forma o uso comum o é pelos do culto."

O autor atribui a "filólogo" uma acepção com a qual designamos hoje a norma culta, em oposição à norma popular, numa clara percepção de que uma mesma língua apresenta diversos níveis relacionados com as classes sociais.

Outra referência a essa implicação do filólogo com a linguagem e seus níveis encontra-se em **Do Sublime** (XXIX.2) de Longino (213-273 d. C.), em uma das poucas ocorrências do verbo derivado φιλολογῶ, no sentido de "dissertar com erudição". Em Longino e Sexto Empírico, o filólogo se aproxima, portanto, do gramático no sentido grego e latino, já que deve conhecer a língua em suas diversas normas e saber usá-las de modo adequado, mas os conhecimentos expressos são pressupostos e próprios do filólogo. Vê-se que o termo significa aqui algo diferente do atribuído a Eratóstenes e a Ateio, embora a relação semântica seja facilmente estabelecida, como uma derivação por polissemia do significado etimológico.

Entretanto, ao lado dessa especificidade semântica, menor ou maior, o termo é encontrado também sua acepção etimológica de "loquaz" e "tagarela", como em **Os Deipnosofistas** (39b) de Ateneu (séc. II-III d. C.):

"...φησὶν Ἀλεξὶς καὶ ὅτι οἶνος φιλολόγους πάντας ποιεῖ τοὺς πλείονα πίνοντες αὐτόν."

"... Alexis diz também que o vinho torna loquazes a todos os que o bebem em maior quantidade."

É a notória loquacidade de muitos quando se embriagam, conforme também o contexto sugere; por isso, não parece admissível nem aceitável a tradução "ami des Lettres" (amigo das letras) que lhe dá A. M. Desrousseaux na edição de *Les Belles Lettres*, a não ser no sentido jocoso ou pejorativo. A propósito, um interessante jogo de palavras de Zenão nos foi legado por Stobeu (séc. V d. C.) em **Florilégio** (36. 26) :

"Ζήνων τῶν μαθητῶν ἔφασκε τοὺς μὲν φιλολόγους εἶναι τοὺς δὲ λογοφίλους."

"Zenão dizia dos alunos que uns eram filólogos enquanto outros eram logófilos."

O filólogo não se restringe à forma, ao som, ao falar por falar, mas capta o conteúdo da palavra, que lhe enriquece a cultura e lhe amplia os conhecimentos e os horizontes, enquanto o logófilo é certamente o tagarela inconseqüente; os termos denotam o interessado, para quem palavras são ruídos que lhe tornam a solidão menos opressiva, ou talvez, à maneira parnasiana, aprecia somente a sonoridade encantatória da linguagem. Em todo caso, é evidente, a meu ver, o sentido pejorativo de logófilo, como também o é, em geral, φιλόλαλος ("verborrágico"), que nunca foram, porém, atribuídos ao verdadeiro filólogo.

Deduz-se exposto que, mesmo entre os autores gregos e latinos, falta univocidade ao termo "filólogo"; as discrepâncias não são essenciais em todo caso. A partir do significado etimológico de "amigo da palavra", "amante do falar", seu campo semântico se amplia bastante, passando a abranger tudo o que se refere ao

da comunicação pela linguagem em qualquer de suas formas. Nessa acepção abrangente se acomodam todas as variedades semânticas, até a atribuição do qualificativo aos sábios "de múltipla e variada doutrina", na expressão de Suetônio.

Embora os latinos tenham posições muito semelhantes às de seus mestres gregos, certamente não será inútil verificar, além do que já se viu, outras possíveis contribuições ao esclarecimento semântico do termo. Assim, a conhecida cultura helênica de Marcos Túlio Cícero transparece sobretudo em suas cartas, como em **Ad Atticum** (XII. 13.3), em que emprega o termo em caracteres gregos:

"Quod ad me de Varrone scribis, scis me antea orationes aut aliquid id genus solitum scribere, ut Varronem nusquam possem intexere. Postea autem quam haec coepi φιλολογώτερα, iam Varro mihi denuntiaverat magnam sane et gravem προσφώνησιν."

"O que me escreves a respeito de Varrão, tu sabes que anteriormente eu estava acostumado a escrever discursos ou algo desse gênero, de forma que de modo algum eu consegui inserir o Varrão. Mas depois que dei início a estas mais filológicas, já Varrão me previra um sério e certamente importante pronunciamento."

Cícero compara os discursos, que antes escrevia, com obras de outros gêneros, que passou a escrever, e considera as últimas mais filológicas que aqueles; ora, conhecemos o caráter altamente literário de sua oratória. Qual seria então o significado do comparativo "mais filológicas"? Levando em conta o caráter mais pragmático do gênero oratório - a favor ou contra alguém ou algo - "mais filológico" em relação aos outros gêneros literários deve relacionar-se, certamente, com a gratuidade dos temas abordados, como destino, amizade, velhice, natureza dos deuses, em que se busca apenas a cultura e o exercício do raciocínio. Com isso, Cícero se traduziu nem transliterou certamente por não encontrar no latim um termo semanticamente correspondente. No mesmo epistolário **Ad Atticum** (XIII. 12. 3), o termo volta a ocorrer com a mesma acepção, ao que tudo indica:

"Ergo illam Ἀκαδημικήν. in qua homines nobiles illi quidem sed nullo modo philologi nimis acute loquuntur, ad Varronem transferamus."

"Portanto, transfiramos para Varrão aquela Acadêmica na qual aqueles homens, nobres sem dúvida, mas de forma alguma filólogos, fala de modo por demais contundente."

Distingue-se a nobreza da cultura; os homens são certamente nobres, mas não têm o refinamento intelectual requerido pelo ambiente acadêmico, isto é, não são filólogos, o que é denunciado pelo modo de falar.

Quando o cristianismo se impõe, começ a rarear a ocorrência do termo. Não é encontrado em Agostinho (354-430 d.C.) nem em Anício Mânlio Serverino Boécio (480-524), em Flávio M. Aurélio Cassiodoro (490-583) ou em Izidoro de Sevilha (602-634), cujas **Etymologiae**, embora quase enciclopédicas, não fazem qualquer menção à filologia. Desse período destaca-se somente Marciano Capella

com **De Nuptiis Mercurii et Philologiae** na primeira metade do séc. V. A obra é uma espécie de alegoria, na qual a Filologia, cercada ancilarmente pelas sete artes, sobe ao céu para se casar com Mercúrio, o deus da eloquência. A filologia aí deve ser entendida no sentido grego do conhecimentos vastos e múltiplos, o que inclui as artes, sobretudo a literatura.

Tudo indica, portanto, que o termo "filólogo" e seus derivados "filologia" e "filologar" deixaram de ser correntes a partir do séc. VI no Ocidente. A nova mentalidade cristã levou os estudiosos a outra visão do mundo, cujo enfoque principal eram os problemas religiosos; tentava-se suprimir tudo quanto não se pudesse cristianizar. Ocorre então um hiato na biografia do termo. Só em 1396, portanto depois de setecentos anos, Emmanuel Chrysolora vem de Constantinopla a Florença para restaurar os estudos clássicos e o termo volta a aflorar, com os primeiros sinais do Renascimento. No séc. XVI, os Escalférgos, Júlio César e José Justo, podem ser considerados verdadeiros filólogos por seus conhecimentos, buscados em grande parte na antigüidade clássica; posteriormente, o número dos filólogos autênticos se multiplica.

Em conclusão, a falta de univocidade do termo "filólogo" na prática sempre existiu; não o definiram os gregos, seus criadores, nem os latinos. Usaram-no polissemicamente, do etimológico "amigo da palavra" a detentor de todo o universo de conhecimentos, que a palavra produziu através dos tempos, com toda a gama de significados intermediários, incluindo a própria linguagem e sua expressão mais estilizada, a arte literária. Assim deve ser entendida a definição de Filologia de August Boeckh (1785-1867): "Philologie ist die Erkenntnis des Erkanten". ("Filologia é o conhecimento do conhecido"). Ou a de Ernest Renan (Renan, 1849, pag. 138): "La philologie (...) est la science des produits de l'esprit humain." ("A filologia é a ciência dos produtos do espírito humano".)

RÉSUMÉ: Par l'analyse d'à peu près cinquante textes grecs et latins, dans les quels on trouve le mot "philologue", j'ai cherché à esquisser la biographie de ce mot. La très grande diversité de signifiés, donnés à "philologue" pendant les siècles, m'a mené à chercher l'acception que lui auraient donnée les créateurs du terme, les grecs, et ceux qui l'ont littéralement assumé, les latins. La période étudiée va du V siècle av. J. C. jusqu'au VI apr. J. C. En raison des restrictions d'espace, il a fallu choisir, parmi les textes, les plus claires et les utiles à notre dessein chez Aristote, Platon, Ateius Praetextatus, Sextus Empiricus et autres. On est arrivé à la conclusion, pas tout à fait inattendue: le mot a toujours été polyssémique.

BIBLIOGRAFIA

Os textos dos autores gregos e latinos foram extraídos de edições críticas diversas de **Les Belles Lettres** (Paris), ou da **Garnier** (Paris), ou da **LOEB** (Londres), ou ainda da **Teubner** (Leipzig), cujas edições sucessivas foram comparadas.

- AMADOR, E. M. Martínez.** *Diccionario Gramatical*. Barcelona: Ed. Ramón Sopena, 1954.
- BAILLY, A.** *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1963.
- ERNOUT, A. et MEILLET, A.** *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Éd. Klincksieck, 4. éd. , 1979.
- HAMMOND, N. G. L. and SCULLARD, H. H.** *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 2. ed. , 1989.
- MEYER-LÜBKE, W.** *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 5. Auflage, 1972.
- RENAN, Ernest.** *L'avenir de la science*. Paris: Calmann-Levy Éd. , 1849.
- UHLIG, Gustav.** *Apollonii Dyscoli quae supersunt de Constructione libri quattuor*. Lipsiae: Teubner, 1910.